

*A poesia brota  
do Cerrado,  
lírica e telúrica,  
como as flores  
do ipê florescem  
na Primavera*

*Amo o quê há de  
ambíguo num  
porto de mar, que  
convida a partir e  
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF  
LETRAS**

**A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA**

ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**IMPRESSO**

CONTRATO Nº 3956/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA



# DEPRESSÃO

□ Afonso Ligório Pires de Carvalho

*Vou para a sala ler o jornal. Termino me perdendo nos classificados. Nos fúnebres passo a vista. Primeiro olho os sinais: cruz ou estrela? Depois me restrinjo aos nomes, na ânsia de encontrar um conhecido.*

— Ricardo. Ricardo!

Ouço a mulher me chamar. Finjo dormir e sinto suas mãos deslizarem pelos meus cabelos. Abro os olhos e digo:

— Oi!

Ela sorri e sai do quarto, para os afazeres domésticos.

Levanto-me, meio sem vontade. Olho-me no espelho. A barba está crescida. Pego a toalha e o barbeador. No trajeto para o banheiro um desânimo me abate. Minutos depois, retorno ao quarto com o rosto apenas lavado.

Vou para a sala ler o jornal. Não consigo. Termino me perdendo nos classificados, que não tolero. Parece que todo o mundo precisa vender alguma coisa para sobreviver: "Vestido de noiva — vende-se manequim 38, preço de oca-



sião". Ou "uma pistola Luger, 7.65". Ou "lindas roupas íntimas, de pouco uso". Leio ainda o anúncio do solteirão tímido, de 39 anos, que deseja conhecer uma mulher desquitada para relacionamento íntimo."... Nos fúnebres passo a vista. Primeiro olho os sinais: cruz ou estrela? Depois me restrinjo aos nomes, na ânsia de encontrar um conhecido. Relembrar a pessoa, lamentar... De repente, noto uma mudança na posição dos móveis e dos quadros. Isso me desorienta, me

irrita, sem que eu saiba o porquê. É o suficiente para me deixar mal-humorado pelo resto do dia.

Sou assim, tenso, tentando segurar a minha irracionalidade carregada de emoção. Hoje estou num desses dias turvos. Apático, a melancolia persiste desde cedo. Com ela as reflexões, como farpas de culpa, num processo desgastante e doloroso. Absoluta ausência de vontade. Sinto





medo. É a depressão.

Conheço-a bem. Ela surge de mansinho, silenciosa. Depois, apodera-se do meu corpo, inevitavelmente. Então fico vulnerável. Às vezes estranho quando tarda, mas, ao percebê-la, já estou emaranhado, sem saída, a não ser pelos pensamentos confusos, mórbidos, que pouco ajudam.

É um fenômeno inato, programado, inevitável. Assim, nada limita meu desespero. A dor difusa que rapidamente se propala talvez seja um refúgio. A ela me entrego em busca de mim. Daí querer estar sempre só, para não dividir as minhas angústias. Isso me força a distinguir as pessoas em dois grupos: as amigas e as estranhas. As amigas me entediam. No entanto, me fazem falta, mas definitivamente não desejo conviver com elas. Odeio estranhos.

Penso muito na morte. Solução? Não. Mas para abreviar o fim certo. E a coragem? — pergunto-me, sem resposta.

O pensamento, assim, vem, desaparece e retorna em ondas cíclicas. Levo, às vezes, horas inúteis a pensar em nada, obcecado pelo mistério. Só o silêncio alimenta um repouso aparente que vez por outra parece me afogar. A monotonia me leva a um mundo acústico inexplorado. Nele consigo distinguir sons distantes, sutis, que me chegam sem mensagem. Essa neutralidade me agrada. Cultivo-a. Vozes humanas que vêm de longe, indecodificáveis, me acalantam. Bem como o ressoar áspero dos metais, como um protesto. É quando me sinto protegido, na solidão.

Sem vontade, pego o chapéu, com ímpeto de sair. Antes de cruzar a soleira da porta perco-me em indagações vazias, sem motivo, que me maltratam. Fora da minha solidão todos os ruídos me ferem. A simples brisa da manhã me incomoda como a um cão hidrófobo. É quando prefiro meu quarto, luz apagada e eu comigo mesmo,



vagando em meus pensamentos tumultuados, protegendo-me do mundo.

— Está sentindo alguma coisa? — pergunta a mulher, que me observa de longe, depois de ir até a porta comigo. Aborrecem-me esses cuidados solidários. Respondo apenas com um olhar de soslaio, código de convivência que ela compreende.

No jardim, olho o chão, na dúvida de sair. Fixo, sem querer, um formigueiro. O movimento desordenado das formigas me atrai. Não sei por quê. Talvez pela fantasia antropomórfica que sugerem. As formigas sempre me fascinaram.

Fico de cócoras para apreciar melhor. Vejo que todo o formigueiro trabalha sem individualismo. Nenhum desses pequeninos seres está preocupado egoisticamente. Formigas não pensam — concluo. Elas formam uma associação tão variada e evoluída que parece estar à cabeça das sociedades animais. São castas com estrita divi-

são de tarefas. Seres adaptados, com aptidões. Bobagem. Não gostaria de ser formiga. Mesmo que elas não sofram de depressão. As formigas não têm depressão, no entanto só vivem pouco menos de um trimestre. Por que, nesse espaço de tempo, se especializam tanto, como se a vida fosse tão longa?

Penso na insegurança de uma formiguinha operária em um jardim como este, à mercê dos predadores, e até da minha vontade mórbida. Sim, nesse instante sou para elas um predador em potencial, terrível.

Um mirmecófago! Posso matá-las todas. Basta folear formicida. Não. Não, decididamente não. Não farei isso. Afasto o pensamento. As formigas continuam indiferentes à minha presença, usufruindo os seus dias de vida, no trabalho arquitetônico de construir o cone das suas moradas. Sem cessar, buscam areia no fundo do buraco para armar pacientemente aquelas paredes frágeis.

Novamente sou tomado pela vontade de pisar o formigueiro, entupido de cascalho à minha volta. Suas vidas, agora, dependem de mim. Reflito mais uma vez. Para que atormentar 80 mil seres tão distantes de mim? Penso em bomba. Os humanos estão sempre predispostos a reagir com ódio, um ódio irracional, embora sem razão ou motivo. Será inato ou cultural? Percebo que me desviei do objetivo. Sair.

Olho o céu, não por fé. As nuvens estão mais claras. A claridade me irrita. Desisto. Volto ao quarto para novamente ficar só, com meus pensamentos, minhas dores que recomeçam. Antes de dar duas voltas à chave penso em ordenar à mulher que não permita a ninguém, ninguém mesmo, inclusive ela, me incomodar.

Na verdade, apenas recomendo mansamente:

— Não me chame, por favor.

Ela responde, indiferente:

— Está na hora do almoço!

São os meus hábitos...